

O Pólo de Cinema e Vídeo

Padre Jonas

O que é e o que pretende ser o pólo? A magnífica idéia de criação do pólo indutor da produção de Cinema e Vídeo no Distrito Federal sofre no momento de uma espécie de paralisia precoce. O que será o pólo? Uma empresa, uma fundação, um instituto? Não possuindo definição e identidade jurídica, o Pólo de Cinema e Vídeo não tem sequer a possibilidade de existir e atuar do ponto de vista administrativo e financeiro. Uma espécie de menoridade. A definição do seu lugar físico foi um enorme passo. Permite a dúvida porém: o que vai ser e como vai atuar neste espaço?

Toda situação crítica traz em si própria o elemento de sua solução. Aqui o desfavorável se transmuta em favorável. O pólo pode ser definido como um grupo de trabalho com tarefas estabelecidas, repassador de recursos à iniciativa privada, autônomo no seu orçamento e na sua administração. Essa definição, porém, tem que se dar de forma urgente a fim de que não se desgaste de forma irremediável o valioso patrimônio de sua credibilidade.

A criação do Conselho Diretor do Pólo buscou acertadamente dar representatividade às decisões, buscando embasar as suas diretrizes em pareceres e opiniões diversas e colocando face a face representantes dos cineastas e representantes das diversas secretarias de governo. Já é tempo,

porém, de avaliarmos a atuação desse conselho. Um dos principais nomes do cinema com voz no conselho renunciou, outro afastou-se e fala-se na sua substituição. Por outro lado, os representantes das diversas secretarias não são pessoas com intimidade no trato da complexa produção audiovisual nos seus aspectos político, industrial, comercial, cultural, científico, tecnológico etc. Não são assessores especiais contratados para nortear os diversos órgãos de governo. São funcionários desses órgãos deslocados de suas funções, reunindo-se pelo período da tarde em datas bem espaçadas para tratar de uma agenda sempre acumulada.

A solução que salta aos olhos é a criação de um grupo executivo, subordinado ao conselho, formado por pessoas com capacidade executiva, intimidade com o complexo da indústria do audiovisual, trabalhando diretamente para implantação do pólo e executando as diretrizes do conselho, ágil e flexível.

A crise do cinema brasileiro é indiscutível. A situação é de esclerose de todo um sistema. Não é única, porém e de certa maneira antecipa e evidencia a crise do cinema internacional e o esgotamento de um modelo tecnológico em vias de substituição. É justamente essa antecipação o traço mais visível de sua vitalidade. É justamente a hora de plantarmos a nova semente. A interface cinema/vídeo é a nova semente a ser lançada. É na

produção de filmes para a tevê e homevideo que o pólo precisa pensar prioritariamente.

Nos Estados Unidos, Europa e Japão desencadeia-se a mais cara e sofisticada de todas as lutas já travadas pelo homem. O objetivo de todos os envolvidos na luta é o mesmo: controle do melhor e mais novo padrão tecnológico para emissão e recepção de tevê. São diversos os padrões em teste: HDTV, IDTV, EDTV 1 e EDTV 2, baseados ou não no sistema muse desenvolvido pela rede japonesa NHK.

A entrada de um novo e poderoso ator neste cenário, a indústria da informática, está causando uma grande reviravolta desde que a grande tendência identificada para o setor na década de 90 é **multimídia**. Os custos da luta baixarão vertiginosamente. Países em desenvolvimento terão mais possibilidades de acesso a uma nova mudança de padrões tecnológicos com grande impacto na cultura e na educação.

E nós? Criaremos um Pólo de Cinema e Vídeo passando ao largo de tudo isso? Que interfaces criaremos com a Universidade para pesquisa? Com o Pólo de Alta Tecnologia de Brasília e com os diversos centros de pesquisa vamos afinal pensar sobre isto ou mais uma vez deixar que pensem por nós.

■ Padre Jonas é deputado distrital pelo PDT